

Ciro Gomes rejeita rótulo socialista

César Felício
De São Paulo

361

O ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda **Ciro Gomes** (PPS), procurou demarcar a sua distância em relação à esquerda na semana em que se registrou os 79 anos de fundação do Partido Comunista Brasileiro, o antecessor da sua atual legenda. "O meu programa de governo não será um programa de governo socialista. Quem quiser ficar com esta bandeira durante as eleições, que fique", afirmou. **Ciro** interpretou o fato de o PPS ser um dos raros partidos a usar o adjetivo "socialista" no nome como "um anúncio de perplexidade programática".

"O PPS é uma página em branco que está buscando uma prática", disse, afirmando que há consenso no partido em ver a existência da propriedade privada, a inserção do Brasil na ordem econômica internacional e a preservação da democracia como valores em si mesmo. "Consenso que não existe em outros partidos de esquerda", concluiu.

Ontem, **Ciro** participou da criação em São Paulo do Instituto

de Justiça e Desenvolvimento, presidido pelo economista **Roberto Mangabeira Unger** e pelo ex-deputado **Fernando Lyra**, que pretende reunir pessoas de diversas tendências políticas para produzir projetos que poderão ser usados por **Ciro** durante a campanha.

Segundo colocado nas pesquisas de tendência de voto para a eleição presidencial, **Ciro** disse que já esperava um crescimento nas sondagens do ministro da Saúde, **José Serra**, um dos principais presidentes do PSDB. "A sociedade sentiu a descompressão econômica e a carga maciça de publicidade. Serra foi o que recebeu mais exposição nos últimos dias, atingiu agora a marca de 10% e recebe um espaço que não é dedicado sequer ao líder das pesquisas", afirmou, referindo-se a **Lula**. Deixou no ar uma insinuação: "Houve tentativas de suborno para que políticos se afastassem de mim".

A possibilidade de uma aliança tática entre o PPS e a ala do PFL liderada pelo senador **Antonio Carlos Magalhães** (BA) é um assunto ainda recebido com irritação por **Ciro Gomes**, que por três

vezes, classificou a especulação como "fofocas" plantadas na imprensa por orientação do governo federal. **Ciro** repetiu a posição oficial do partido de excluir o PFL do rol de aliados e procurou jogar a discussão para adiante. "Vou me pronunciar novamente sobre isto no dia em que houver um fato, uma notícia concreta, algo na mesa para decidir", afirmou.

A ansiedade dos carlistas em abrir um canal de comunicação com o PPS já é admitida pelos aliados de **Ciro**. Um dirigente do partido relatou que teria sido abordado na semana passada por **ACM** no Congresso. O cacique baiano teria dito que um tratamento melhor por parte de **Ciro** poderia garantir a transferência de oito milhões de votos para a sua candidatura.

A interpretação dos dirigentes do partido é que **ACM** procura fomentar divisões entre os aliados de **Ciro** para ter influência sobre o candidato. De concreto, **Ciro** admite: "meu nome não é viável sem alianças, mas o meu caminho não tem volta. Vou prosseguir até como uma espécie de anti-candidato".



CARLA ROMERO/VALOR

Presidenciável admite que precisa de alianças, mas nega diálogos com o PFL e diz que poderá ser "anticandidato"